

# “DISPOSIÇÃO”: O LUGAR DA CORPORALIDADE NAS LÓGICAS DE CLASSIFICAÇÃO E DE ATUAÇÃO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS CEARAMOR E M. O. F. I.

## 1. Diante da predição maldita

Eram aproximadamente 13 horas de sexta-feira, 14 de agosto de 2010. Eu estava à mesa para almoçar. Subitamente, uma notícia na televisão invadiu o espaço da minha sala. De início, eu não conseguia entender direito, as palavras se misturavam na voz do repórter: roubo, carro, cocaína, armas, Cearamor, prisão... A essa altura a minha sensação de fome se transmutara em algo muito parecido com um vácuo gelado no estômago, que irradiava frio pela minha coluna. De imediato, peguei o telefone e liguei para os integrantes da Cearamor com quem tinha mais proximidade, tentando organizar a fala para perguntar algo compreensível. Precisava saber, de fato, o que estava acontecendo, o que havia de hipérbole midiática e quem havia sido preso. Do outro lado da linha... Medo. Medo de falar. Medo de sair de casa. Medo de ser encontrado em casa. Medo de tudo. Medo de mim. Sim, de mim também. Em um outro trabalho, já assinalei que sempre serei uma estrangeira entre eles, estrangeira aceita de bom grado, mas estrangeira.<sup>1</sup> Depois dos primeiros

JOSIANE MARIA DE CASTRO RIBEIRO \*

### RESUMO

O artigo parte da categoria nativa de “disposição” para refletir acerca das intensidades investidas em corporalidades aguerridas, que caracterizam as experiências dos torcedores integrantes das torcidas organizadas denominadas Cearamor e Movimento Organizado Força Independente – M. O. F. I. A discussão segue relacionando as rivalidades territoriais dos jovens torcedores, os conflitos, os rompimentos e a recente “aliança” firmada entre os dois coletivos, com o objetivo de apreender a lógica que organiza as experiências dos jovens torcedores.

**Palavras-chave:** torcidas organizadas; corporalidades; conflitos; jovens.

### ABSTRACT

The article sets out from a native “disposition” to think about intense attacks engendered by warlike body exertions representing experiences from organized soccer fans that rally around two groups, torcida organizada Cearamor and Movimento Organizado Força Independente – M. O. F. I. Evaluation moves on by investigating territorial rivalries seen among young fans, conflicts, ruptures and the current “alliance” welded between the two groups, in the effort to determine the rationale that seal experiences of blooming followers.

**Keywords:** organized soccer fans, bodily expressions, conflicts, youngsters.

\* Mestre em História Social e Doutora em Sociologia.

contatos, percebi que os telefones começaram a ser desligados. Entendi a necessidade do silêncio e me afastei.

Mas, o que a mídia anunciava era verdade. Ao menos parcialmente, o tom das várias matérias escritas e comentários nos programas televisivos era bem parecido. Cito a seguir matéria de jornal, *O Povo*, de 14/08/2010, intitulada “Tráfico: Cocaína, armas e carro roubado na Cearamor”, de Henrique Araújo:

Um carro roubado na Aldeota, às 13 horas de ontem, foi responsável por levar a Polícia Militar até a sede da torcida organizada do Ceará, a Cearamor, na Avenida João Pessoa. Lá, além de encontrar o gol prata assaltado horas antes, a PM apreendeu seis quilos de cocaína em pasta, oito quilos de maconha, três revólveres calibre 38, uma pistola de uso exclusivo do exército, munição, três rádios, uma balança de precisão e material para confecção de bomba caseira. Oito homens foram presos e levados para o 34º DP, no centro. Segundo a Polícia, a droga estava escondida sob uma bandeira do Clube de futebol. Dois computadores da Cearamor foram apreendidos e serão

periciados. Após haver sido assaltado na Aldeota, na rua Joaquim Torres, o proprietário que não quis se identificar, saiu em procura do automóvel por bairros da cidade. “Peguei minha moto e fui atrás. Antes, liguei para a polícia. Passei no Quintino Cunha, na Barra do Ceará, na Osório de Paiva e na Parangaba. Entrei até em favela. Quando estava voltando pra casa pensei: Só vou encontrar esse carro se Deus colocar na minha frente”, relatou o jovem, que, por coincidência, estava vestindo uma camisa do Ceará. Ele reconheceu o Gol ao passar em frente à rua Álvaro Martins, perpendicular à João Pessoa, no bairro Damas. “Dei outra volta, esbarrei numa viatura do Ronda e fui lá de novo, mas o carro já estava lá dentro”. O proprietário refere-se ao galpão anexo à sede da Cearamor, que também pertence à organizada. De acordo com o comandante do Ronda do Quarteirão, o coronel Werisleik Matias, a operação desbaratou uma quadrilha bastante articulada. “Isso aqui é a ponta de um iceberg. É certamente uma quadrilha envolvida em tráfico e assalto. É um caso que vai se desenrolar. Vamos conduzir todos para a delegacia e apurar a responsabilidade de cada um”. Dos oito homens detidos, pelo menos quatro disseram ao O POVO integrar a equipe responsável pela montagem de uma estrutura de muay thai (boxe tailandês). O evento estaria programado para começar às 16 horas deste sábado. Responsável pela sede da Cearamor, Luiz André Silva, 25, um dos presos na operação, disse que o presidente da torcida estaria no Rio de Janeiro, onde o Ceará disputou, ontem, uma partida contra o Flamengo pela série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. O Alvinegro perdeu por 1 a 0. Luiz negou que as drogas pertencessem a ele. “Hoje é meu aniversário. Não tenho nada a ver

com isso”. A polícia disse que papalotes de cocaína haviam sido achados em uma pochete usada por Luiz.

Drogas, armas, roubo. Nada disso é ou era estranho ao universo das torcidas organizadas, e todos, que de alguma forma se relacionavam com alguma delas, sabiam disto. Inclusive eu. Mas alguma coisa me inquietava de forma mais importante, para além da preocupação com os fatos, com as pessoas etc. A fala do coronel Matias ressoava repetidamente, como uma espécie de predição maldita “é a ponta de um iceberg, é um caso que vai se desenrolar...”. E foi assim. Ainda no mesmo dia, “palmilhando” as matérias dedicadas à miséria social e política do país, vi uma reportagem televisiva acerca do “caso Cearamor”. Nela, a repórter Tayce Bandeira narrava os fatos recém-transcorridos. Da sua fala, resalto o trecho a seguir:

No prédio, a polícia também apreendeu três revólveres, munição, duas balanças, doze quilos de maconha, além de seis quilos de cocaína em pasta e craque. A droga foi encontrada no meio deste bandeirão que é levado pela torcida ao estádio e que é guardado em uma das salas aqui da sede da Cearamor. Muitos metros de pano, que na verdade serviam de disfarce para um esquema ilegal (TV DIÁRIO, Fortaleza).

As palavras da repórter começavam a integrar um coro de vozes que se repetiam ao meu redor, numa velocidade de articulação surpreendente e, ao mesmo tempo, habitual às informações oriundas do senso comum: – “Eu já sabia! Esse negócio de torcida não existe não; só serve de fachada para roubo e tráfico”.

Pronto! O sentido malfazejo que apunhalava minha quietude com farpas de apreensão revelara a

sua face. Imediatamente lembrei-me do dia em que o “bandeirão” fora levado ao estádio pela primeira vez. Mesmo os torcedores mais críticos às torcidas organizadas não conseguiram manter indiferença diante da imensa bandeira do Ceará, que parecia nunca mais parar de crescer, “engolindo” milhares de torcedores enquanto era desenrolada. As pessoas que foram encobertas pelo enorme manto pulavam e agitavam a bandeira acima de suas cabeças. Num espetáculo espontâneo, o estádio pulsou e reverenciou o “bandeirão” estendido.

Não foi com menos solenidade que fui apresentada ao “bandeirão”, em uma de minhas visitas à sede da Cearamor. Lembro exatamente que após uma entrevista o responsável pela sede autorizou que me levassem para vê-la. Os rapazes me conduziram, então, a uma sala trancada. Abriram a porta e me deparei com “os metros e metros de pano” amontoados num cantinho da sala. Tratava-se, segundo eles, de uma forma de evitar atentados dos “TUF-gay” (referindo-se aos integrantes da Torcida Uniformizada do Fortaleza Esporte Clube, a TUF), que poderiam tentar incendiar a bandeira através da janela. – “Tá doido! Isso daqui foi muito trabalho! Muito mesmo! É a maior do Nordeste, sabia?!”. Eles não conseguiam e nem pretendiam esconder o orgulho diante da realização. Aquela não era apenas uma bandeira; e, muito menos, “metros de pano”. Era um anseio e um projeto coletivo.

Todavia, num jogo discursivo, desenrolado a partir da apreensão feita na sede – que aconteceu de fato –, a torcida organizada perdeu a sua existência. De fato? Acredito que não. E este artigo objetiva desvelar o que existe para além do que foi mostrado nas matérias e (re)produzido nas opiniões das pessoas. Não que se trate, exclusivamente, de experiências mais belas ou absolutamente contrárias ao que foi

veiculado pela mídia. Mas elas existem e são muitas. E tenho a sensação, cada vez mais forte, de que seus agentes só conseguem falar delas coletivamente, todos ao mesmo tempo. Por isso são necessários uma calma sistemática e um estranhamento metódico para separar os fios dessas falas que conduzem às experiências desses jovens.

E para trazê-las a estas páginas, sigo, também, um caminho; cheio de atalhos, é verdade, pois é necessária alguma brevidade. Começo abordando, sucintamente, a relação entre o universo simbólico e cultural dos bailes *funks* e a consolidação do formato contemporâneo das torcidas organizadas. Em seguida, apresento a origem das desavenças entre *Cearamor* e *M. O. F. I.*<sup>2</sup>, cuja relação constitui o meu interesse de pesquisa. Por fim, tento desvelar a relação entre a categoria nativa de disposição e as lógicas que conduzem os investimentos corporais, afetivos e comportamentais, que orientam as práticas de seus integrantes.

Com esta breve discussão, espero incitar no leitor que me acompanhar até a última linha, ao menos, um desejo de desconfiança in-rendido quanto aos discursos que escamoteiam a experiência de milhares de jovens das periferias e bairros pobres de Fortaleza.

## 2. Discutindo uma economia de intensidades

Passo agora a falar de intensidades. Sim, porque, a despeito da imensa variedade de vivências individuais, existe entre os torcedores organizados um jogo de intensidades direcionadas a diferentes formas e lugares de realização. Será justamente a diferenciação nesta economia de intensidades o elemento organizador das classificações que supõem experiências sutilmente diversas no interior das torcidas organizadas. Melhor dizendo, será esta economia de intensidades

o principal critério de classificação, de si e do outro, entre os torcedores organizados<sup>3</sup>.

Trata-se de uma teia classificatória, que dispõe os torcedores segundo a potência de investimento, numa corporalidade mais ou menos aguerrida. Vale destacar um aspecto imprescindível, que se refere ao imbricamento entre a construção das corporalidades e a experiência territorial desses segmentos juvenis nos bairros da cidade. Como os limites deste trabalho não permitem um desdobramento de tal discussão, posso apenas asseverar que o recorte territorial e corporal da experiência social da juventude das torcidas organizadas apresenta-se como uma continuidade da orientação cultural e simbólica do baile.

Em outra oportunidade, explorei o papel dos bailes *funks* como celeiro inicial para a cultura atualmente experienciada nas torcidas organizadas em Fortaleza, bem como a relação de correspondência direta entre a interdição oficial dos bailes e a consequente oxigenação e crescimento numérico de integrantes das organizadas. Entretanto, não posso me eximir da necessidade de asseverar dois aspectos ou heranças incontornáveis do universo dos bailes *funks*, quais sejam:

1. um princípio de organização e identificação territorial dos participantes, já referida;
2. uma sociabilidade de conflito que, a despeito de poder ser mais ou menos intensa, pode também ser generalizada ao conjunto de integrantes das torcidas organizadas.

A disposição para o conflito, a raiva arbitrária do torcedor “adversário” e a coragem para o enfrentamento tornaram-se, a um só tempo, uma espécie de rito a ser cumprido por aquele que pretende fazer parte de uma torcida, sinal de pertença à agremiação e bônus pela dedicação à organizada. E, se o conflito é ritualizado, o exercício demarca e institui uma

diferença, entre quem é o verdadeiro torcedor organizado, o “que responde” e “bota terror”, e aquele que não é e nem poderá sê-lo, “o que não tem disposição”.

Realmente impressiona a postura viril, mesmo entre os mais jovens ou entre os que “não são de briga”. Isto porque, em meio à torcida, pode-se facilmente encontrar uma grande quantidade de meninos que sequer abandonaram, de fato, os ares da infância. No mesmo sentido, existem os torcedores mais pacíficos, que procuram, abertamente, se manter distantes dos conflitos corporais. Apesar disto, eles aproveitam a aura de ameaça e perigo da torcida, e é possível vê-los com uma postura supostamente agressiva, como quem realiza uma *performance*. Atualmente, a rivalidade entre os torcedores organizados dedicados ao time alvinegro se apresenta numa perspectiva tripartida:

1. a que envolve e opõe torcedores de times adversários, notadamente *Cearamor* e *TUF*;
2. a rivalidade entre integrantes de uma mesma torcida, mas de alas, bairros, comandos e / ou gangues diferentes<sup>4</sup>;
3. a rivalidade entre as torcidas organizadas do mesmo time, como a *Cearamor* e a *M. O. F. I.*

Nos últimos anos, a rivalidade entre torcidas polarizou, principalmente, a *Cearamor* e a *M. O. F. I.* A origem desse conflito reside numa confluência de processos paralelos que podem ser, por hora, anunciados, resumidamente, nas seguintes notas, disponíveis nos *sites* oficiais das respectivas torcidas:

13/06/2007 O presidente da *Cearamor*, J, em nota Oficial à imprensa alvinegra procurou esclarecer os fatos que vem estarecendo o torcedor alvinegro nos últimos jogos, a violência interna dentro da própria torcida do Ceará:

Brigas: *Cearamor* lança nota oficial

Venho através deste, informar que já estamos em contato com órgãos competentes sobre as confusões que chegaram a manchar o nome da nossa torcida. Estamos fazendo o possível e o impossível para resolver esses problemas que só prejudicam nós mesmos e o nome do Ceará *Sporting Club*. A Cearamor tem quase 25 anos de existência e não podemos acabar com o que está melhorando cada dia que passa. Há cerca de 4 anos atrás, por motivo de indisciplina foram expulsos da Cearamor um bairro que só queria manchar o nome da torcida. Elementos que não eram cadastrados e só queriam fazer badernas dentro e fora dos estádios, foram de vez banidos da torcida. Infelizmente a diretoria da Força Independente aceitou esses baderneiros e pôr isso vem ocasionando confusões dentro e fora dos estádios com nossa torcida. Estamos atualizando nossos cadastros de todos os componentes. A Cearamor é grande e forte, e resolveremos esse problema da melhor maneira possível para o bem de nossa torcida e do Ceará *Sporting Club*. Faça você também parte da maior e melhor torcida organizada do Norte e Nordeste. Desde 1982 União, Vibração e Poder. Diretoria da Cearamor. ([www.torcidacearamor.com.br](http://www.torcidacearamor.com.br)).

A seguir, em resposta, a nota oficial da *M. O. F. I.*:

14/06/2007

Força Independente: nota oficial

Caro torcedor alvinegro,

Hoje fazem nove dias dos lamentáveis acontecimentos ocorridos no ginásio Paulo Sarasate durante a partida de futebol de salão entre CEARÁ x FORTALEZA. Desde a noite do dia Quatro que a diretoria do movimento tenta falar com os diretores da Torcida CEARAMOR. Desejávamos marcar uma reunião a fim

de ser discutido os atos e tentar encontrar uma solução. Entretanto, até o presente momento não conseguimos falar com nenhum dirigente da Torcida. Nós do MOVIMENTO ORGANIZADO FORÇA INDEPENDENTE pedimos desculpas a toda nação alvinegra pelo ocorrido no ginásio, condenamos e não admitimos qualquer tipo de rivalidade, rixa ou agressões como foi o caso do ginásio, é inadmissível, inaceitável, inesplicável o ato de vandalismo entre torcidas do mesmo time. Nada justifica, atos como esses somente mancham o nosso futebol seja ele no salão ou no campo, a torcida do Vozão é uma só. Chega de violência. Do lado da M.O.F.I. medidas já estão sendo tomadas em parceria com a POLICIA MILITAR para coibir e punir os vândalos. Estamos fazendo nossa parte como sempre fizemos e estamos mostrando mais uma vez que IDEAIS, ATITUDES E DISPOSIÇÃO NÃO SE DISCUTEM, SE COLOCA EM PRÁTICA.

J. F. S.

Presidente do Movimento organizado Força Independente ([www.moficeara.com.br](http://www.moficeara.com.br)).

De fato, *Cearamor* e *M. O. F. I.* sedimentaram rivalidades graves, entre muitos torcedores organizados de ambas as torcidas, até mais acentuadas do que com a própria *TUF*. Na verdade, esta é uma questão antiga, cujo início remete, ainda, à *Fúria Jovem*. Isso porque boa parte dos integrantes da *M. O. F. I.* veio da *Fúria Jovem*, extinta, segundo a narrativa dos próprios torcedores organizados, em virtude das investidas da *Cearamor*, que não admitia a competição com outra torcida do mesmo time.

Além dos ex-integrantes da *Fúria Jovem*, um grupo de torcedores da *Cearamor* – moradores do bairro Jardim Guanabara –, os mesmos que haviam

combatido a *Fúria Jovem*, ficaram descontentes com a *Cearamor*, se desligaram desta e se inseriram justamente na *M. O. F. I.*. Segundo integrantes do Jardim Guanabara, o descontentamento resultou da falta de reconhecimento da própria diretoria da *Cearamor* à dedicação dos integrantes deste bairro no combate à *Fúria Jovem*.

Este percurso, cheio de idas e vindas, desvela que a origem da animosidade, da rivalidade e do conflito entre torcedores organizados de torcidas de um mesmo time se constrói em virtude de divergências em torno de questões como: reconhecimento, status, lealdade, conflitos territoriais urbanos e dimensões profissionais da torcida. Apesar da inviabilidade de apresentar de imediato cada ponto motivador do conflito, relacioná-los já me permite insinuar uma negação de “explicações selvagens”, que abordam os conflitos entre torcedores organizados apenas a partir das categorias vazias e improficuas de vandalismo, apego à violência gratuita, sintoma da pobreza e degradação, etc. Além disso, acredito que importa investir num olhar mais cuidadoso acerca da categoria de disposição, o que contribui para a desmistificação de explicações calcadas em esquemas superficiais e, por vezes, preconceituosos.

### 3. A denegação de “explicações selvagens”

Comecei a compreender mais claramente as vias significativas da categoria de “disposição” em uma conversa com B, integrante da *M. O. F. I.*, no estádio Castelão. Na ocasião, entrevistava Aranha, um diretor da torcida organizada, *Terror Bicolor*, do Paysandu, time do Pará. A *Terror Bicolor* tem relações bastante próximas com as duas torcidas do Ceará aqui analisadas. A “consideração” é tão marcante que sempre, em todos os jogos, não importam quais times estejam

disputando com o Ceará, é possível ver vários integrantes da *Cearamor* vestindo peças padronizadas da *Terror Bicolor*, como calças, bermudões, camisas, agasalhos, entre outros. Ao longo da entrevista com Aranha, a quem segui desde o território da *Cearamor* até o da *M. O. F. I.*, percebi B monitorando a conversa.

Após nos observar por algum tempo, me abordou diretamente, entre risos: “quero ser entrevistado, porque também quero ficar famoso”. Conversamos demoradamente e, muitas vezes, rimos juntos de sua própria fala “enrolada” [segundo se sabe, decorência do uso de bebidas e de algum(ns) tipo(s) de entorpecente(s)]. Cito um trecho de nossa conversa.

(...) B: se chegar em qualquer canto a galera sabe quem é eu, né querendo se gabar não. Josiane: sabe?

B: saaabe! Se cê chegar na torcida da TUF, assim, chegar nos bairro, perguntar: sabe quem é o B da M.O.F.I.? A galera conhece! J: por que o povo sabe?

B: porque eu sou brigão, pelo meu atrevimento, também sou um pivete, mas não como partido pra ninguém, não.

J: mas você não é pivete não, qual é a tua idade? Dezenove?

B: dezessete. Eu comecei a brigar com quatorze ano.

J: por que você é brigão? Você mesmo disse: eu sou brigão, eu sou atrevido...

B: tenho atrevimento, assim, se eu vê uma briga, assim, com a galera que eu tô andando, eu se meti, e tal. Fui, [peitei].

J: o que você sente, nessas horas?

B: eu sinto, né, arriscando minha própria vida. É... Sim, eu acho muito emocionante assim, você tá entre a vida e a morte, sim... Cê tá, né? Arriscando sua vida, é o que... É bom você arriscar o que você tem, eu tenho minha vida, arriscar ela, né? Vale muito.

B, como muitos e muitos torcedores organizados

de bairro, é bem magro e não muito alto, tem aproximadamente 1,67m de altura. Com esta compleição física, torna-se compreensível a sua fala, quando ele diz do seu atrevimento. Realmente, é preciso “atrevimento” para encarar uma trajetória como a dele que, com apenas dezessete anos, já acumula três anos de experiência nos conflitos de torcida. B é famoso entre seus pares e seus inimigos, pois, a despeito de ser um “pivete”, não “come partido”, ou, dito de outro modo, B tem “disposição”. Uma disposição que precisa ser atestada continuamente. Esse é o preço do reconhecimento.

Quando perguntei a B sobre o seu lugar preferido de diversão, respondeu que gostava de ir aos terminais. Imediatamente, lembrei das situações em que fiz pesquisa de campo nos terminais em dias de jogos: a tensão, o corre-corre, a Polícia, as armas... Uma lembrança que me remete ao lugar do corpo nessa busca de reconhecimento e excitação. Perguntei a B, como a todos os torcedores com quem pude conversar, o que ele mais gostava na torcida, no caso, a *M. O. F. I.* A sua resposta, que àquela altura não me surpreendeu, foi: “(...) a disposição; todo mundo é amigo do outro, ninguém corre, briga até o fim”.

A “disposição”, categoria nativa, se abre numa polissemia que fornece uma indicação acerca das articulações identitárias entre os torcedores organizados. A disposição é coragem, sim. Coragem para enfrentar o combate, independente do desequilíbrio entre as forças envolvidas no conflito. Mas, a disposição assume também o papel de valor acerca do outro, que se transfigura em afeto. Afeto que sustenta sociabilidades. Esse afeto pode ser bom, ou seja, pode se relacionar à admiração, à amizade, ao querer bem. Mas, pode também significar o oposto: a inimizade, a raiva, a vontade de aniquilamento e de subjugação. E, neste sentido, é afeto; um tipo de afeto que torna

o outro, o inimigo, alguém relevante. Acompanhar a dinâmica das torcidas organizadas, me permite pensar que o conflito é uma forma de sociabilidade que se coloca na própria instituição dos grupos. Simmel define o conflito como uma forma de sociação e o considera sociologicamente positivo. Vejamos o que nos diz o autor sobre oposição:

A oposição alcança esse objetivo mesmo onde não existe nenhum êxito perceptível, onde este não se torna manifesto, mas permanece totalmente oculto. Mesmo quando dificilmente tenha qualquer efeito prático, pode ainda conseguir um equilíbrio interior, pode exercer uma influência tranqüila, pode produzir um sentimento de poder virtual e desse modo preservar relacionamentos, cuja continuidade muitas vezes atordoia o observador. Em tais casos, a oposição é um elemento da própria relação, está intrinsecamente entrelaçada com outros motivos de existência da relação. Não é só um meio de preservar a relação, mas uma das funções concretas que verdadeiramente a constituem (SIMMEL, 1983).

Logo no início da entrevista com B, ele me perguntou acerca do Barroso, melhor dizendo, dos torcedores organizados do bairro Barroso II. Achei curioso o seu interesse e perguntei o porquê. “Você não disse que entrevistou eles? Aí, eu queria saber a opinião deles, assim, porque eles falaram muito de nós, não falaram?”. Quer dizer, vemos aqui um tipo de afeto que delimita um campo de antagonismo, mas, ao mesmo tempo, traça uma linha demarcatória que os envolve a todos num universo próprio, no qual o inimigo é relevante, pois é ele quem reconhece e valora positivamente esta “disposição”, enquanto um “torcedor comum”, um jornalista, um policial, ou qualquer outro,

veria barbárie, vandalismo, sintoma de caos urbano etc. No mesmo sentido, destaco a relação entre dois bairros, o João XXIII e o Jardim Guanabara, respectivamente vinculados à *Cearamor* e à *M. O. F. I.* A exemplo, a fala de um integrante do João XXIII:

Pela rota de ir pro jogo, o João XXIII ia pelo mesmo caminho da Guanabara, acabavam se encontrando. Antigamente, assim que eles se encontravam, brigavam. Deixavam até a TUF passar pra brigar. Porque, tipo assim, você pode até perguntar pros cara da Guanabara: qual é a galera da Cearamor que vocês acham que tem mais disposição, que vocês brigaram mesmo? Eles vão dizer: é o João XXIII. Não é porque eu moro lá não. Porque a fama deles lá é só brigar na mão e não correr. E a Guanabara tem a mesma coisa. Então pronto, deu foi certo. Mano a mano, sem pedra, pau ou tiro. Essas duas, elas não gostam disso.

Os dois bairros “brigavam tão bem”, e respeitavam de tal modo a *disposição* do opositor, que se tornaram aliados. Atualmente, a despeito de todo e qualquer problema entre as diretorias de ambas as torcidas, esses bairros mantêm-se em amizade e consideração mútua. A avaliação acerca da *disposição* apresentada pelos amigos e inimigos pode ser entendida também como o motor que aciona o trânsito de indivíduos e, ainda, de bairros inteiros, de uma torcida para outra. A *disposição* está na base da (re)configuração, sempre transitória, da geopolítica juvenil nas torcidas e no espaço distendido da cidade.

Aqui pode ser visto um aspecto estruturante do universo cultural e simbólico do baile *funk*, que apresenta uma continuidade no campo cultural das torcidas. Em inúmeras montagens<sup>5</sup> aparece o enaltecimento do indivíduo ou do bairro que “se garante no mano-a-mano”, ou seja, no confronto aberto, cujos

contendores dispõem apenas de sua força, de sua habilidade, de seu corpo e, no máximo, de algum objeto utilizado na hora como arma: garrafas de vidro, pedras, etc. O uso de armas de fogo, principalmente numa disputa desigual, na qual só um dos lados está armado, pode implicar uma avaliação negativa, uma espécie de desonra, posto que é sinônimo de covardia ou um escamoteamento dos termos do combate.

Por outro lado, se um grupo se vê numa situação como esta e não foge, enfrentando-a, a despeito do risco de morte, ele merece respeito e “reconhecimento”; é o exemplo máximo de “disposição”. O reconhecimento diante de uma atitude admirável do adversário denota profundidade na valoração do adversário ou do inimigo, que pode vir a se tornar companheiro ou amigo. Não se trata, portanto, de uma disputa cega, destituída de sentido, absolutamente arbitrária, mas, sem dúvida, de uma disputa intensa, de uma experiência marcada pela radicalidade dos afetos que estão na base das identificações.

A experiência de campo revelou-me que os torcedores rivais observam-se continuamente, e que o conteúdo de suas ações pode levar a uma alteração do sentimento que media a relação entre ambos, como no processo que conduziu à aliança entre os bairros João XXIII e Guanabara.

Durante a pesquisa, pude observar que o torcedor organizado é sempre um entre muitos; está sempre no plural. Um torcedor organizado, sozinho, desaparece. Por outro lado, organizados em grupo eles crescem, ganham força, visibilidade e nome. Esse é, na verdade, o grande sentido da montagem: anunciar a existência, a força e o nome desses jovens, em luta contra a invisibilidade antropológica. Com isso esperamos ter deixado clara a importância do grupo para o integrante de uma torcida organizada. E se o grupo de amigos adquire esta centralidade, ela se dá,



justamente, em virtude da oposição a outros grupos de torcedores rivais ou inimigos. Neste sentido, quanto mais valoroso o adversário, mais meritória será a luta contra ele, mesmo que ele saia vencedor do embate. Sendo assim, volto a asseverar: conduzo a análise pela via da radicalização e intensidade dos afetos.

Ora, esse tipo peculiar de afeto que se associa à disposição não pode ser entendido apartado da totalidade de experiências que tornam peculiar o cotidiano de torcedores como B, o integrante da *M.O.F.I.* cuja fala foi destacada anteriormente. Pessoa alguma gosta de outra sem nenhuma razão. Mesmo uma predisposição favorável – uma simpatia – necessita ser confirmada no tempo, para que esta venha a se configurar como amizade e admiração. Para tanto, é preciso que gostos, projetos em comum, aproximações políticas, coincidências religiosas ou afinidades estéticas venham a cumprir o papel de sedimentação de vínculos de amizade e admiração. Da mesma forma, sentimentos de natureza oposta, da antipatia à rejeição e repulsa, obedecem às diferenças maiores e menores quanto aos mesmos aspectos.

Em um cotidiano marcado por uma sucessão de ausências e esgarçamentos, o papel de sedimentação de afetos e desafetos é cumprido, predominantemente, pelos usos da corporalidade, significada e simbolizada no código particular das torcidas. Na conversa com B, senti uma carência de elementos substantivos vinculando os torcedores, além, é claro, da relação com a torcida. Quando perguntei acerca da importância da vitória do time, o Ceará, B afirmou, de pronto, que “não estava nem aí” para o time. O que importava, mesmo, era a torcida, e as vitórias serviriam para oxigená-la, ou seja, para aumentar a empolgação e para que os torcedores tivessem mais o que conversar. O trecho a seguir é ilustrativo:

(...) - Rapaz, vou te mentir, não. Eu amo a minha torcida, tô nem vendo pro time, não. Eu quero só que eles tenham ganhando, e tal... Pra torcida lotar mais os estádio, e tal. A vibração fica maior, né? E as conversas com os amigo fica melhor e tal.

- E aí, tu vai pro estádio? E tal...

- Aí eu: ‘tá! E tal’.

- Aí fica bonito o estádio, como no Ceará e Flamengo, isso aqui lotou, isso aqui lotou, lotou todim, o Castelão.

Por outro lado, B contou detalhadamente um fato ocorrido com ele e um dirigente da *M. O. F. I.*, segundo disse, a pessoa de quem ele mais gosta dentro da torcida, a quem [ele] devota maior admiração.

O N, o cara me deu altos apoio. Quando eu fiz essa tatuagem, eu cheguei lá, ele me deu logo uma blusa. O cara é gente-fina. Depois de uns tempo, e tal, tinha vez que eu não ia pra jogo, que não tinha dinheiro pra ir pra jogo. Ele me dava, interava a minha: – ‘Taí, cinco conto, taí, toma, tal, uma intera, aí. – ‘Vixe, valeu N, e tal’. Ele já chegou, ele já me deu um agasalho: – ‘Ó aí, pra tu. Pra num dizer que eu nunca te dei nada’. No dia do meu aniversário: – ‘Ei, Mano, o meu aniversário, aí e tal...’ Ele me dá uma blusa, uma bermuda. [...] Que eu já fiquei em muito foguete, assim, com os pilantra torcedores da TUF, chamei ele pra ir, e tal, ele foi. Levou a arma, lá. Sim, eu pedi a ele, ele levou de carro, mas não rolou tiroteio nem nada não. Não, ele tava só filmando lá. Disse: – ‘Ei irmão! Tem cara, tá lotado lá, tem uns policial’. Só filmando, que ninguém conhece ele, né? Fez só um favor pra mim; dei valor à disposição dele; ele tem disposição, se chamar ele pra qualquer coisa, ele vai lá. [...] É amizade, ajuda, ser companheiro do próximo. Do próximo, não! Companheiro do próximo torcedor da *M. O. F. I.*, ééééé.

A *disposição* pode ser traduzida como uma característica que, a um só tempo, confere dignidade a quem a possui, angaria respeito entre os pares e imputa temor nos inimigos. A *disposição* é também uma coragem que se solidariza com a guerra do outro, coragem de se arriscar pelo companheiro, ou, como me disse A, diretor da *Terror Bicolor*, ter disposição significa que “(...) na hora da porrada ninguém corre”. Ainda neste sentido, quando perguntados sobre o que é ruim nas torcidas, os torcedores de bairro costumam, frequentemente, responder: “quem corta a força”. “Cortar a força” é justamente uma postura antagônica à *disposição* é não agüentar a “porrada” e fugir. Cortar a força, para eles, é ter medo e quem tem medo não merece respeito, quem tem medo não é reconhecido. Tanto que B, ao se referir a um inimigo de torcida e de bairro, o fez nos seguintes termos:

(...) Não é querendo ofender não, mas ele é o mais medroso, todo mundo fala, porque ele puxa o bonde do Barroso, mas na hora da briga, eu te juro, ele corre, é o primeiro a correr, ele se esconde, até debaixo dos carro. Aí, vem pra cá, vem pra cá pra tu apanhar. [...] Se ele quer ser puxador de torcida, de torcida não, de bairro, e quer brigar com a gente, como é que o cara vai e se esconde? [...] Se alguém mexer com seu bairro, com a sua torcida, você tem que se garantir pra defender a honra dela, né?

A esta altura, cabe frisar que os meninos e rapazes que investem nesta corporalidade não o fazem sem peso. Trata-se de um cotidiano marcado pela necessidade de garantir, senão a superioridade perene nos conflitos, pelo menos a coragem de enfrentá-los com honradez, de suportar a dor sem fugir, de arriscar a vida, de colocar a si próprio à prova, no limite. Sendo assim, me é impossível não pensar que a

primeira batalha que um jovem torcedor organizado tem de travar é consigo mesmo. É preciso vencer o medo, é preciso vencer a resistência que tende à auto-conservação, à busca de segurança. Para tanto, a importância do exemplo; ou seja, a história de companheiros que tenham conseguido tal feito com sucesso é recebida com entusiasmo, funcionando como uma espécie de tônico à própria vontade, que visa vencer a resistência ao medo da prisão, ao medo da dor e ao pavor da morte.

#### 4. Considerações finais: conciliação de primeira

A *disposição* também agrega alianças e conciliações. E, não nos enganemos, é preciso muita *disposição* para conter corporalidades tão dispostas ao conflito. São, justamente, a capacidade de contenção, a escolha do momento certo para realizá-la e os indivíduos que serão ou não excluídos do campo de conflitos, os elementos que desvelam a lógica que subjaz o comportamento dos torcedores organizados. Esta *disposição* também está na origem da conciliação entre *Cearamor* e *M. O. F. I.*, após um longo período de conflitos graves e reiterados. Peço ao leitor que me acompanhe, nestas linhas restantes, em mais algumas lembranças e observações, através das quais apresento este movimento de reaproximação.

No final do campeonato da segunda divisão de 2009, o Ceará *Sporting Club* obteve uma colocação que possibilitou a sua ascensão para a série A do futebol brasileiro. Seriam necessárias muitas páginas para descrever a amplitude das manifestações públicas e coletivas de satisfação dos torcedores. Todavia, não posso deixar de me referir à minha própria experiência, na carreata que comemorou o acesso do time à primeira divisão.

Após o jogo que selou essa classificação do time

alvinegro no campo do futebol nacional, em meio à euforia coletiva, o então técnico do time, Paulo César Gusmão, deu uma entrevista asseverando a dedicação dos jogadores e chamando os torcedores para recepcioná-los no aeroporto. Tal convite foi reafirmado pelo presidente do clube, Evandro Leitão, em entrevistas transmitidas pelos telejornais e programas esportivos.

Pronto. Foi o suficiente. No dia da chegada do time à cidade, horas antes da previsão de desembarque, no caminho para o aeroporto o conjunto de carros foi se adensando, até se transformar numa gigante onda alvinegra. A impressão visual era, de fato, de uma grande onda, pois, devido à gigantesca quantidade de veículos, o trânsito, literalmente, parou. As pessoas desciam dos carros, aumentavam o som, e dançavam nas ruas, ao som das músicas do time e da torcida. Após horas presa nessa onda festiva e imensamente lenta, fui me aproximando do aeroporto. A minha sensação era de uma grande angústia, devido ao caos estabelecido. A quantidade de veículos e pedestres parecia surpreender a todos: torcedores, dirigentes, jogadores, autoridades... Todos.

Tanto que o aeroporto ficou absolutamente tomado e a Polícia teve que improvisar um cordão de isolamento, o que me parece, só fez piorar a situação. Não se podia seguir adiante, tampouco retornar. Muitas pessoas que precisariam embarcar desciam dos táxis com malas enormes e caminhavam debaixo do sol, por quilômetros, tentando não perder o voo. Como milhares de outros indivíduos, sequer, cheguei perto do estacionamento do aeroporto. Após horas no trânsito, e expondo-me ao risco de “ficar no prego” por falta de gasolina, voltei para casa com... Orgulho.

Sim, orgulho. Afinal, só havia visto multidão tão grande em duas ocasiões: a primeira foi na televisão, nos comícios em apoio às “Diretas, já!”; a segunda na

minha tenra infância, por ocasião da visita do Papa João Paulo II a Fortaleza, quando, do meio da multidão, fui erguida pela minha devota mãe e ferozmente sacudida de um lado para o outro, a fim de atrair, segundo ela, a atenção e a benção do Santo Padre.

Após a ascensão do Clube e as estrondosas comemorações, a relação entre as torcidas organizadas foi sendo remodelada com uma nova matéria. Confesso que precisei de um certo tempo para entender. O tempo de três jogos disputados no estádio Castelão. O primeiro foi entre Ceará e Itapipoca, ocorrido no dia 27 de fevereiro de 2010, pelo campeonato cearense. Assisti das arquibancadas posicionada na altura da linha de meio campo. A certa altura do jogo, observei uma longa fila de torcedores organizados, saindo “de dentro” da *M. O. F. I.* e caminhando em direção à *Cearamor*. Imediatamente associei às ocasiões análogas, nas quais vi o mesmo tipo de deslocamento. Vai ter problema, pensei. Todavia, ao passarem bem à minha frente, vi que alguns torcedores estavam com camisas da *Cearamor*. Colei meu olhar naquela fila de caminhantes que cortava o estádio de uma extremidade à outra. Eles estavam juntos... Misturados? A princípio não entendi.

No jogo seguinte, Ceará e Maranguape, precisamente no dia 10 de março de 2010, o mesmo cortejo. Até que, na partida entre Ceará e Corinthians do Paraná, em 31 de março, pude escutar um canto, há muito silenciado, vindo das arquibancadas da *Cearamor*: “Uh, tá na mente! *Cearamor* e Independente!” Em seguida, o chamado: “Mofi, vem aqui!”. Novamente a procissão se descola da *M. O. F. I.* e segue em direção à outrora torcida oponente. Neste momento, o conjunto de torcedores presentes no estádio observa e aplaude, fortemente, a conciliação dos integrantes das torcidas organizadas.

O ato dos torcedores organizados foi impactante. Na verdade, foi estrategicamente planejado para produzir tal efeito. Ali não se tratava somente de uma retomada de relações amistosas entre torcidas adversárias. Não apenas. Para mim, isso ficou claro quando procurei alguns dos meus conhecidos nas torcidas para perguntar o que estava na origem da manifestação e me veio a resposta: “Agora o Ceará é de primeira. A torcida tem que responder!”.

Ora, o ato demarcava uma ascensão, ou melhor, uma mudança qualitativa do *status* dos torcedores organizados. Eles buscavam acompanhar a ascensão do próprio time, que passava a integrar a elite do futebol brasileiro, e alguma coisa precisava ser feita para assinalar a mudança de matéria das torcidas organizadas. E, da minha parte, como não pensar nas conversas que tive com B e com muitos outros torcedores organizados de ambas as torcidas. Qual capital eles possuíam para investir na mudança qualitativa deles mesmos, a não ser a própria corporalidade?

Não consigo deixar de perceber uma associação entre uma significação de “elite” e um impulso civilizacional da corporalidade, que conduziu a estruturação e apresentação do ritual de polidez e concórdia realizado no estádio pelos torcedores organizados. Eles, os torcedores organizados, que são jovens e são muitos. E aqueles que, a cada época, são definidos como jovens, situam-se num lugar cultural delicado. Entre o desvencilhar-se da infância e as atribuições da vida adulta, anseiam por um ajustamento ao mundo ou do mundo. A juventude busca linguagens com as quais possa organizar a sua percepção das pessoas e das coisas, para em seguida se posicionar diante delas e gritar do seu lugar. A juventude deseja, sobretudo, falar de si.

Entretanto, como já foi explicitado, a imensa maioria dos jovens que compõe as torcidas

organizadas em Fortaleza situa-se num lugar social de pobreza, cujo cotidiano é crivado de ausências e vicissitudes. A torcida organizada agrega um segmento juvenil que “para ser” dispõe de muito pouco. Para falar de si, estes jovens apostam numa corporalidade voltada para o conflito, para o combate, em intensidades mais ou menos variadas. Toledo assevera a importância da utilização da noção de corporalidade, “imprescindível na formulação das estratégias de distinção e fixação de estilos que modulam a sociabilidade de jovem metropolitana e o quanto o próprio corpo do pesquisador foi o veículo dessa inteligibilidade” (TOLEDO, 2007: 258).

Portanto, finalizo com o desejo de demarcar que será essa corporalidade, disposta ao conflito e disposta à conciliação, experimentada no circuito das torcidas organizadas, o princípio de especificidade desta experiência juvenil, diante de diversas outras possibilidades. Porque, apesar da diversidade de trajetórias que conduziram estes jovens às torcidas organizadas, é um dado irrevogável terem ido para um grupo com estas características, e não para outro qualquer. Não foram à Igreja, aos grupos de pichação, ao Partido etc.

A torcida organizada é uma escolha de milhares de jovens de Fortaleza, que vão até ela em busca de si, em busca de ser, em busca da segurança do olhar do outro. Para tanto, eles desenvolvem ações, que se não forem devidamente apreendidas, restarão veladas sob “explicações selvagens” e excessivamente generalizantes. Desta forma, parti da conciliação entre os integrantes da *Cearamor* e da *M. O. F. I.*, para construir um trabalho, sempre inconcluso, de desvelamento das experiências desses jovens que brigam, sobretudo, contra o próprio aniquilamento. Eles querem, eles tentam, eles conseguem. A que preço? Não sei exatamente, pois não sei quanto vale a moeda de que eles dispõem.

## Notas

- 1 RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- 2 O Ceará *Sporting Club* possui quatro torcidas organizadas: a Torcida Organizada Cearamor (TOC), a Movimento Organizado Força Independente (M. O. F. I.), a Ceará Chopp e a Torcida Organizada Fúria Jovem. Dentre estas torcidas, a Cearamor, a M. O. F. I. e a Ceará Chopp têm espaço reservado nos estádios, cuja localização é definida em reunião coletiva entre representantes das torcidas, representantes da Polícia Militar, representantes do Batalhão de Choque e responsáveis pela administração dos estádios. No que se refere à Fúria Jovem, a sua existência é residual. Ela sobrevive apenas pela colocação de uma ou duas faixas por algum integrante que não a deixa morrer. Na verdade, a Fúria Jovem permanece viva na memória coletiva dos integrantes de todas as torcidas organizadas da cidade.
- 3 De acordo com essa economia de intensidades, os torcedores organizados podem se dizer (ou serem ditos) como torcedores de ala, torcedores de bairro, torcedores de comandos, “gangueiros” ou, ainda, torcedores que “pegaram mentalidade”.
- 4 Estas designações se referem às divisões territoriais presentes nas torcidas organizadas do Ceará *Sporting Club* e correspondem, grosso modo, aos bairros da cidade. Em seção posterior trata-las-ei detidamente.
- 5 Montagens são músicas curtas, com uma estruturação simples, que nominam, anunciam e enaltecem os grupos de torcedores oriundos de um mesmo bairro, ou “aliança” entre grupos de torcedores de bairros diferentes.

## Referências Bibliográficas

- ALABARCES, Pablo (coordinador). *Peligro de gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- ALABARCES, Pablo (compilador). *Futbológicas: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e Eugenio, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BAQUERO, Marcelo. *Democracia, juventude e capital social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neo-liberal*. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 5ª edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.
- BOURDIEU, Pierre. *Gostos de classe e estilos de vida*, in ORTIZ, Renato (org). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003b.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª edição. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CAON, José Luiz et al. *Violências e contemporaneidade*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Tradução: Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto, III: o mundo fragmentado*. Tradução: Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 – 1992.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto, IV: a ascensão da insignificância*. Tradução: Regina Vasconcellos. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1, artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar,*

- cozinhar. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GUATARRI, Felix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Tradução: Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme C. e SOUZA, B. Mantese (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1ª edição. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- MISSE, M. A violência como sujeito difuso. In: FEGHALI, Jandira et al. (orgs.). *Reflexões sobre a violência urbana: (in)segurança e (des)esperanças*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.
- NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCHPUN, Mônica Raisia (organizadora). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul-RS: Edunisc, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2000.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Coleção *Grandes Cientistas Sociais*. Org. por FILHO, E. M. S. Paulo: Ática, 1983.
- SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. **Revista USP**, dossiê: **Futebol**, São Paulo, nº 22, Junho, julho, agosto-1994.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo, in *Na metrópole: textos de Antropologia urbana*. MAGNANI, José Guilherme C. et al. (orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / FAPESP, 2000a.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Corporalidade e festa na metrópole. In MAGNANI, José Guilherme C. e SOUZA, Bruna Mantese (org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1ª edição. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade: estudos sobre a marginalidade avançada*. Tradução: João Roberto Martins Filho. Rio de Janeiro: Revan / FASE, 2001.

(Recebido para publicação em janeiro de 2011. Aceito em maio/11).